



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA (UNILAB)**

INSTITUTO DE HUMANIDADES – IH

BACHARELADO EM HUMANIDADES

A DIÁSPORA ANGOLANA PARA A UNILAB: O PROCESSO DIASPÓRICO, A
CONVIVÊNCIA E A INTERCULTURALIDADE

FRANCISCO WELLTON ALVES LESSA

ORIENTADOR:
LEANDRO DE PROENÇA LOPES

ACARAPE – CE

2022

FRANCISCO WELLTON ALVES LESSA

A DIÁSPORA ANGOLANA PARA A UNILAB: O PROCESSO DIASPÓRICO, A
CONVIVÊNCIA E A INTERCULTURALIDADE

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB.

Orientador: Prof. Leandro de Proença Lopes

ACARAPE – CE

2022

AGRADECIMENTOS

Agradeço e dedico este trabalho para as seguintes pessoas:

Agradeço em primeiro lugar aos meus pais, Antonia Vlândia e Francisco Willame, por sempre ter zelado e prezado por minha educação e formação.

A todos meus amigos, em especial: Antônio Vicente, Lisandra Moura, Joyce Lima, Eugênio Kapiñala, Bárbara Maria e Samara Fernandes, por estarem comigo ao longo dessa caminhada acadêmica no curso de Humanidades.

À Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) por proporcionar uma experiência única de ensino e um ambiente com uma pluralidade de povos e culturas.

Ao meu orientador prof. Leandro de Proença Lopes, por ter acreditado na minha proposta, e ter caminhado junto comigo sempre me aconselhando, orientando, e acima de tudo dando incentivo, mesmo com as dificuldades encontradas

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte de minha formação, o meu muito obrigado.

RESUMO

Este estudo tem como objetivo estudar a diáspora dos discentes angolanos para a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), e conseguinte, buscar descrever a prática das relações étnico-raciais dentro da universidade. Entre os séculos XX e XXI, alguns instrumentos como o Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G) e a Fundação Eduardo dos Santos (FESA) expandiram a imigração estudantil africana para o Brasil, e posteriormente, nos anos 2000 houve um expressivo movimento diaspórico de alunos do continente africano para o Ceará. Já durante o governo de Lula (2003-2010), ações foram realizadas com o intuito de expandir o acesso ao ensino superior para todos, abrindo universidades nos interiores do País. O trabalho tem como objetivo geral descrever a dinâmica das relações étnico-raciais na UNILAB-CE. E seus objetivos específicos são: 1) Entender o projeto da UNILAB e seus objetivos e intenções; 2) Identificar, a partir da perspectiva dos estudantes, quais as dificuldades encontradas na UNILAB e no município de Redenção-CE; 3) Avaliar quais as dificuldades sociais e culturais esses estudantes enfrentam dentro da UNILAB e em Redenção. A pesquisa é do tipo qualitativa, tendo como fundamento metodológico a utilização de estudos bibliográficos e a pesquisa de campo, que será utilizada para realizar um levantamento de informações sobre a comunidade angolana em Redenção-CE. Como técnicas de pesquisa será utilizada a entrevista semiestruturada, e para realizar um exercício de comparação entre os dados coletados nas entrevistas, será aplicado um questionário de perguntas fechadas, para que se possa abranger um número maior de pessoas. A discussão teórica sobre o conceito de interculturalidade irá proporcionar comunicação e troca de saberes entre a diversidade cultural no espaço universitário e no município de Redenção-CE.

Palavras-chave: Diáspora africana, Unilab, Cooperação Sul-Sul, Interculturalidade e Universidade Popular

SUMÁRIO

<u>1. INTRODUÇÃO</u>	6
<u>2. JUSTIFICATIVA</u>	8
<u>3. OBJETIVOS</u>	10
3.1 Objetivo Geral:	10
3.2 Objetivos Específicos:	10
3.3 Problema Geral:	10
3.4 Problemas específicos:	10
<u>4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</u>	11
<u>4.1 UMA BREVE APRESENTAÇÃO SOBRE A DÉCADA DE 90 E A INTENSIFICAÇÃO DO INTERCÂMBIO INTERNACIONAL DOS ESTUDANTES AFRICANOS</u>	11
<u>4.2 – A DIÁSPORA ESTUDANTIL PARA O CEARÁ: PROJETO, PERSPECTIVAS E REALIDADE:</u>	14
<u>4.3. UMA FORMA DE PENSAR A COMUNICAÇÃO E TROCA ENTRE AS CULTURAS ATRAVÉS DA INTERCULTURALIDADE:</u>	21
<u>5. METODOLOGIA</u>	27
<u>6. REFERÊNCIAS</u>	29

1. INTRODUÇÃO

Levando em consideração as notas estatísticas do censo da educação superior de 2020, no qual expõe que cerca de 23,9% dos estudantes matriculados em instituições de ensino superior no Brasil vem do continente africano, perdendo apenas para as américas com 50%. Da África, Angola é o país com o maior número de alunos, tendo por volta de 1.587 discentes angolanos matriculados em cursos de graduação no Brasil. Com isso, esse projeto justifica-se devido minha convivência universitária nos campos da UNILAB em Redenção-CE, visto que a Universidade tem como um dos seus fundamentos a promoção de trazer em seus espaços a convivência de estudantes de diversas nacionalidades dos países que compõem o (PALOP), como Angola, Guiné-Bissau, Cabo Verde, Moçambique, São Tomé e Príncipe e o país asiático Timor-Leste.

Entretanto, percebi que a dinâmica da comunicação entre estudantes brasileiros e internacionais apresenta-se algumas inquietações. Por mais que a universidade possua a palavra “integração” no seu nome, é um termo que precisa ser observado e repensado, pois há a necessidade de um ambiente intercultural¹ que conceba de modo mais intenso um espaço de troca entre culturas. No dia a dia, em maior parte dos casos, nota-se uma separação entre as nacionalidades nos ambientes da Universidade. Outra questão que gerou curiosidade é como a população redencionista percebe a presença dos estudantes africanos no município, e de acordo com os relatos desses discentes, há uma problemática enquanto a isso, nem sempre a população ver isso como positivo, como também há um abuso dos locatários de imóveis que cobram aluguel mais caro para os africanos, através dessas perspectivas, surgiu a vontade de pesquisar sobre a proposta do projeto da Unilab, e a dinâmica do município como esses estudantes.

A diáspora estudantil africana para o Brasil, em específico para a Universidade Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), apresenta a necessidade de ser discutida, ainda mais que sua proposta é de cooperação internacional e interiorana. Com isso, torna-se necessário compreender como que acontece, quais as dificuldades que são encontradas dentro e fora da universidade pelos alunos angolanos. Minha teoria sustenta-se na perspectiva de que antes de vim para o município de Redenção-Ce, esses estudantes constroem em seu imaginário uma imagem generalizada sobre como é o Brasil, tal imagem construída pode frustrar o aluno quando o mesmo tem o primeiro contato com o município e

¹ Esse ambiente intercultural, tem como objetivo estabelecer uma interação entre as diferentes culturas, fazendo com que as mesmas se comuniquem, conheçam umas as outras, mas sempre prezando pelo respeito.

também com a Universidade. Sendo necessário, encontrar os motivos que influenciam esse movimento diaspórico de estudar em um país desconhecido, mesmo tendo pontos em comum.

2. JUSTIFICATIVA

Promulgada 2010, as diretrizes gerais da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) apresentaram o escopo da universidade tanto para os anos iniciais quanto para o futuro. Para compreender a fundo o objeto e problema da pesquisa, é necessário entender o espaço geográfico contextual da UNILAB. A universidade, tem como foco dois públicos alvo, em primeiro lugar a comunidade dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), e em seguida a comunidade interiorana da região do Maciço de Baturité através do Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades federais (REUNI), durante os governos de Luiz Inácio Lula da Silva e de Dilma Rousseff, os pilares desse projeto era aumentar o raio de alcance da população ao ensino superior, ampliando vagas, criação de novos campi, expandindo a rede universitária para o interior do país, pois, as instituições de ensino superior, antes desse projeto, se concentravam nas capitais e cidades grandes. (BIZERRIL,2020, p.03) dentro do escopo do projeto acadêmico da UNILAB, estabelece um equilíbrio de 50% das vagas para estudantes do PALOP, e a outra metade para brasileiros, e previa a mesma divisão de vagas para o corpo docente. Nessa perspectiva, imagina-se que dentro do escopo acadêmico da UNILAB, se estabeleça uma “integração” entre a pluralidade cultural presente no espaço. (ABRANTES, 2014, p.67-68)

Nessa perspectiva, este projeto tem como objetivo discorrer sobre a diáspora angolana para, a UNILAB, apresentando como se deu e quais os caminhos bem como os programas que proporcionam esse movimento de cooperação Sul-Sul desde o período da década de 90, destacando como já citado o PEC-G, e também a Fundação Eduardo dos Santos (FESA), no qual é uma organização não governamental, sendo também um instrumento na diáspora estudantil angolana, vinculando estudantes em Instituições de Ensino Superior (IES). O segundo ponto foca na diáspora estudantil africana para o Ceará, ainda na década de 90, o primeiro grupo a chegar na cidade de Fortaleza era de angolanos para a UFC, através do **Programa de Estudantes Convênio de Graduação (PEC-G)**. No decorrer do capítulo, também será discutido sobre a criação da Unilab em 2010, como também a problemática que existe referente ao choque quando esses estudantes internacionais chegam em Redenção-CE, pois a imagem que muitos acreditam encontrar é de uma cidade desenvolvida, como a capital Fortaleza. Por fim, será trazido a perspectiva da Interculturalidade como instrumento para aproximar a diversidade cultural proporcionada pela proposta e ambiente da Universidade.

Sobre as diretrizes da Unilab, e boa parte dos estudos produzidos que discutem suas diretrizes, é abrangido em primeiro lugar a apresentação e os benefícios dessa cooperação

Sul-Sul, e através desse projeto proporcionar desenvolvimento aos países africanos formando alunos desses países, e os mesmo retornarem com qualificação adequada para ocuparem as demandas em seus países de origem. Em segundo lugar, é fazer dessa cooperação entre Brasil e África um instrumento para combater problemas frequentes no campo de conhecimento científico e tecnológico. Esse movimento cooperativo é de fato algo positivo, na medida em que esse desenvolvimento avança, transmite a prerrogativa de que a África também é lugar de evolução econômica e social, desconstruindo o imaginário ocidental. (ABRANTES, 2014, p.140).

Indo além desse laço cooperativo econômico, apresenta-se também a possibilidade de se estabelecer segundo (ABRANTES,2014, p.141), uma integração étnico-racial nacional, prevista como parte do projeto. Entretanto, esse termo “integrar” apresenta uma inquietação, dando a entender que o objetivo é integrar esses estudantes africanos a educação e/ou unir todos em um só grupo. Assim como também é percebido por (ABRANTES,2014, p.142), o termo “luso-afro-brasileiro” como difuso e de múltiplos significados. “[...] pode ser considerada a partir de demandas nacionais de participação política de uma parte da população negra destituída pelo processo histórico de posições de poder e autonomia. (ABRANTES,2014, p.142). Podendo ser entendido de formas diferentes, a utilização desse termo apresenta uma lacuna de um Brasil fragmentado diante da sua diversidade que o compõe. Desse modo, Abrantes (2014, p.142), apresenta que “luso-afro-brasileiro”, é seletivo, pois, oculta por exemplo a presença da população indígena brasileira.

Desse modo, é pertinente apresentar os meios que os estudantes africanos vêm para a Unilab, as expectativas do achavam que ia encontrar, e a realidade que vivem atualmente, como também é necessário ouvir desses estudantes como a cidade de Redenção se relaciona com os mesmos, ao meu ver, há uma barreira entre a população e os estudantes africanos. A importância desse trabalho sustenta-se na possibilidade de abrir espaço para criação de novos estudos referentes não a integração, mas sim sobre a interculturalidade, entendê-la como uma possibilidade de aproximar esse caldo cultural dentro da Universidade, que atualmente não aparenta ser tratada como prioridade, sendo percebido por muitos estudantes como um espaço que existe uma segregação ocasiona por xenofobia e racismo, o papel da interculturalidade aqui, é pensá-la como uma solução para enfrentar tal problema. São necessárias mais produções sobre UNILAB, e suas dinâmicas internas, como também a relação da cidade de Redenção com os estudantes internacionais, pensando a interculturalidade como instrumento de enfrentamento ao distanciamento entre as nacionalidades.

3. OBJETIVOS

TEMA: A diáspora dos discentes angolanos para a UNILAB

DELIMITAÇÃO DO TEMA: O processo diaspórico, convivência e a interculturalidade

3.1 Objetivo Geral:

- Descrever a dinâmica das relações étnico-raciais na UNILAB-CE

3.2 Objetivos Específicos:

- Entender o projeto da UNILAB e seus objetivos e intenções
- Identificar, a partir da perspectiva dos estudantes, quais as dificuldades encontradas na UNILAB e no município de Redenção - CE
- Avaliar quais as dificuldades sociais e culturais que esses estudantes enfrentam dentro da UNILAB e em Redenção.

3.3 Problema Geral:

- Como podemos compreender as relações interculturais entre os discentes brasileiros e angolanos?

3.4 Problemas específicos:

- Qual a visão dos angolanos sobre o Brasil antes de vir para a UNILAB?
- Quais os motivos que faz os alunos a deixarem seu país rumo ao desconhecido?

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

4.1 UMA BREVE APRESENTAÇÃO SOBRE A DÉCADA DE 1990 E A INTENSIFICAÇÃO DO INTERCÂMBIO INTERNACIONAL DOS ESTUDANTES AFRICANOS

Para compreender a diáspora estudantil africana, em especial a angolana para o Brasil entre os séculos XX e XXI, é necessário apresentar alguns programas e mecanismos presentes no Brasil que fomentam o processo migratório estudantil africano, no qual destaca-se o **Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G)**. A **Fundação Eduardo dos Santos (FESA)**.

O Ministério das Relações Exteriores (MRE), desde a década de 1990 exerceu um papel importante no âmbito educacional, refletindo diretamente na diáspora e no intercâmbio internacional dos estudantes africanos. As características políticas empregadas pelo MRE nos anos de instabilidade institucional brasileira e africana, ao exemplo das lutas de independência, contribuíram para a presença de estudantes africanos no país. As gestões presidenciais de Jânio Quadros e de João Goulart, assim como a ditadura militar, fomentaram a estrutura diaspórica estudantil atual, principalmente com relação aos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP). Posteriormente ao governo de Jânio Quadros, o Brasil apresentou uma postura notável nas discussões internacionais, e também no reconhecimento da independência dos países africanos. (Fonseca, 2009).

Argumentou Quadros que a nova política africana do Brasil, inspirada nas independências das jovens nações do outro lado do Atlântico, seria uma “modesta recompensa” pelo imenso débito que o Brasil tinha para com o povo africano. E já bastavam as “considerações de ordem moral” para justificar a dimensão atlântica da política externa do Brasil. Chegou a afirmar, de forma contundente, que a África próspera e estável seria condição essencial à segurança e ao desenvolvimento do Brasil (apud SARAIVA 2008, p.04).

O papel político estabelecido pelo MRE propiciou o caldo cultural, possibilitando a ratificação da presença de estudantes africanos no Brasil, principalmente no decorrer das últimas décadas do século XX. E já no século XXI, os dados do Departamento de Polícia Federal, datados do ano de 2005, apresenta um quantitativo de 1.399 estudantes africanos no país, sendo São Paulo e Rio de Janeiro o principal destino. A escolha por esses estados parte de duas premissas, a primeira está relacionada ao fato da oferta e vagas desejadas estarem distribuídas em maior quantidade nesses estados. Já a segunda sustenta-se na visão do que é o

Brasil apresentado aos estudantes através dos elementos midiáticos, principalmente pela televisão, que tende a transmitir o Estado de São Paulo e Rio de Janeiro, com a figura de grandes metrópoles desenvolvidas no âmbito social e econômico. Esta percepção também é fomentada pela própria diplomacia brasileira dentro dos países africanos. (Fonseca, 2009).

De fato, São Paulo e Rio de Janeiro, são os Estados com o maior PIB do Brasil, conseqüentemente possuem grandes metrópoles, centros tecnológicos, tendo em seus espaços renomadas instituições de ensino e produção científica, como é o caso da Universidade de São Paulo (USP). Entretanto, a presença destes atributos não anula o fato de que mesmo em capitais tão ricas e desenvolvidas tenha problemas sociais e estruturais, como a estratificação social sustentada não só no capital, mas também ao racismo estrutural, adversidades corriqueiras tanto no século XX quanto no século XXI.

De acordo com a pesquisa de (Fonseca, 2009, p.30). Após a independência de Angola de Portugal no ano de 1975, percebeu-se um conjunto de fenômenos na área do ensino superior, houve uma significativa baixa no fluxo migratório de universitários angolanos com destino a Portugal em busca de estudar no Colégio do Império e em outras universidades tradicionais portuguesas. Este fenômeno, proporcionou nas décadas seguintes o aumento do fluxo diaspórico estudantil angolano, principalmente para os países situados no Leste Europeu e para Cuba. Este novo fluxo migratório tinha em sua estrutura um conjunto de tratados que visavam a cooperação de cunho científico e tecnológico, por exemplo, pelo governo do partido Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), em sintonia com os países que faziam parte do bloco Socialista.

Após a independência de Angola de Portugal em 1975, constatou-se que muitos jovens universitários angolanos deixaram de ir estudar no Colégio do Império e em outras universidades lusas, como as tradicionais Coimbra e Lisboa. Nesse contexto, abriu-se um novo fluxo migratório de caráter acadêmico angolano nas décadas posteriores, particularmente para os países do Leste Europeu e para Cuba, devido aos acordos e tratados de cooperação científica, tecnológica, cultural, econômica e militar do partido governista, o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), com as nações que constituíam o bloco dos países socialistas (FONSECA, 2009, p.30).

No decorrer das últimas décadas, em específico o início do século XXI, as universidades brasileiras passaram a acolher um expressivo contingente de estudantes angolanos, esse fenômeno vertical está relacionado a uma melhor estruturação do Programa de Estudante Convênio de Graduação (PEC-G), como também ao Programa de Estudante Convênio de Pós-Graduação (PEC-PG). Estes instrumentos, segundo Liberato (2012), buscam

estabelecer uma cooperação educacional entre países, o governo brasileiro oferta para países em desenvolvimento vagas em suas instituições de ensino superior, dando prioridade à África e América Latina. (Liberato, 2012).

De acordo com o manual do PEC-G, promulgado em 2000, para aderir ao programa o estudante internacional é preciso estar de acordo com os requisitos solicitados para a inscrição, dentre os requisitos é preciso o candidato estar na faixa etária entre 18-23 de idade, documentação pessoal e escolar. E fica garantido ao candidato a concessão de direitos, como a não necessidade de prestar exame para ingressar em uma IES, o reconhecimento do diploma em seu país de origem, acesso a documentos como visto e carteira de identidade, assistência médica, farmacêutica e odontológica. (LIBERATO, 2012, P.119)

Entretanto, segundo Liberato (2012), observa-se que é imposto um certo limite para os estudantes internacionais em território brasileiro, de acordo com o Ministério das Relações Exteriores, por mais que o tipo de visto concedido para os estudantes internacionais não impeça, o decreto que regula o PEC-G proíbe o exercício de atividade remunerada, com a exceção de estágio curricular, atividades de pesquisa extensão e monitoria, com isso, o papel do discente no Brasil é somente para estudar, sendo proibido de trabalhar, não podendo também participar de movimentos de cunho político, além de se comprometer a retornar ao seu país de origem dentro do prazo máximo de três meses após a conclusão do curso. Outro ponto observado é a questão financeira, o estudante é responsável por sua condição financeira para se manter dentro do país, sendo assinado um comprovativo para elucidar sua condição econômica, este ponto acaba se diferindo dos estudantes africanos da UNILAB, este tem a possibilidade de concorrer auxílios de instalação, alimentação e moradia durante dez semestres, oferecidos através do Programa de Assistência ao Estudante (PAES). Entretanto, as despesas para sair e retornar a seus países, como a passagem, são por conta do estudante.

Por outro lado, o estudante também tem deveres a cumprir, ficando limitado o seu envolvimento em manifestações de cunho político e impossibilitado de exercer qualquer atividade remunerada, dedicando-se somente ao estudo e comprometendo-se com o retorno ao país de origem no máximo três meses após a conclusão do curso. (LIBERATO, 2012, P.119)

A Fundação Eduardo dos Santos (FESA), organização não governamental, que exerce um papel importante na diáspora estudantil angolana, através desta fundação, discentes angolanos são vinculados em Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras de cunho público, mas principalmente as faculdades e universidades privadas. A FESA, no ano de 2004

assina acordos com grandes instituições de ensino superior brasileiras, como por exemplo a Universidade Estadual Paulista (Unesp) e a Universidade de São Paulo (USP). Através do convênio da FESA com a Unesp, tornou-se possível a articulação, de arrimo e estímulo por parte do Núcleo Negro da Unesp para a Pesquisa e Extensão (NUPE). (Fonseca, 2009, p.31).

A Fesa é uma organização não-governamental de explícito apoio logístico e técnico ao povo angolano, atuando como parceira do governo angolano no desenvolvimento do país, tendo como patrono o Presidente da República de Angola, o Engenheiro José Eduardo dos Santos. Ela possui filiais espalhadas pelo mundo, tendo sede na cidade de Luanda. No Brasil, ela está situada na cidade do Rio de Janeiro, tendo firmado inúmeros convênios com instituições diversas, entre as quais universidades privadas e públicas. (FONSECA, 2009, p.31).

Esse movimento pode ser considerado um marco, pois, seu objetivo era realizar o primeiro vestibular de uma instituição de ensino brasileira, fora do território nacional. Essa nova perspectiva no âmbito educacional brasileiro passou a expandir a oportunidade de trazer jovens promissores para o Brasil, em Angola, a seleção foi feita nas cidades de Luanda, Benguela, Cabinda e Lubango, a Unesp, Vunespe e o Nupe, que tinham o convênio com a FESA, buscavam fugir do que vinha sendo criticado na PEC-G, sendo observado que os estudantes africanos presentes nas IES brasileiras geralmente vinham de famílias com um alto poder aquisitivo ou estavam relacionados a membros do partido no governo. (Fonseca, 2009, p.32)

Essa iniciativa inédita na história das universidades brasileiras trouxe a possibilidade de buscar os talentos de outros países – no caso, os angolanos – a partir de um exame de seleção que ocorreu em solo africano, mais especificamente nas cidades de Luanda, Benguela, Cabinda, Lubango. A Unesp, a Vunespe e, particularmente, o Nupe não queriam que os estudantes angolanos que viessem estudar no Brasil mediante esse convênio fossem exclusivamente os filhos das famílias endinheiradas da sociedade angolana ou os familiares e agregados de membros do partido no governo. Buscava-se, com isso, estabelecer um outro recorte nas relações com os africanos e, particularmente, aqueles integrantes dos Palop, sobretudo porque era também um momento em que a Unesp iniciava o seu debate interno sobre as políticas de ações afirmativas para a população de descendência africana com recorte também socioeconômico. (FONSECA, 2009, p.32).

4.2 – A DIÁSPORA ESTUDANTIL PARA O CEARÁ: PROJETO, PERSPECTIVAS E REALIDADE:

Já na década de 1990, intensificou a diáspora de estudantes dos países africanos para o Brasil e em sequência para o Estado do Ceará. A princípio esses discentes vinham de países que tinham o português como idioma oficial. Ainda nesta década o primeiro grupo a chegar

em Fortaleza foi de angolanos, esses discentes através do **Programa de Estudantes Convênio**, inseriram-se no corpo estudantil da Universidade Federal do Ceará (UFC). Posteriormente a nacionalidade de estudantes vindo da África para o Brasil se expande abrangendo os guineenses e cabo-verdianos.

A presença de estudantes africanos no Estado do Ceará, teve início na segunda metade da década de 1990, quando desembarcou em Fortaleza o primeiro grupo, oriundo de Angola. Nesse período, vinham somente estudantes de países africanos que falavam língua portuguesa para integrar-se na Universidade Federal do Ceará (UFC) [...] (LANGA, 2015, p.162).

Nos anos 2000 houve um expressivo movimento diaspórico de alunos do continente africano para o Ceará, grande parte desses estudantes tinha como destino instituições de ensino superior privadas, tais relações contratuais dava-se através das universidades e os países da África. Entretanto, esse grande fluxo migratório em Fortaleza apresenta uma série de problemas referente a sua estadia e ensino, como exemplo, os preços exorbitantes das mensalidades dos cursos, custos com moradia e alimentação. De acordo com (Langa, 2015) Como consequência, aumentou a dispersão dos estudantes de universidades privadas, acarretando em problemas nas renovações de vistos para os estudantes que não tinham condições de manter seu vínculo com a instituição.

Nos anos subsequentes, a presença dos africanos se torna mais visível, a assim como seus problemas com as faculdades privadas, que, afetam, particularmente, os estudantes oriundos de Guiné-Bissau que – sem condições financeiras para pagar as mensalidades nas faculdades e os aluguéis de apartamentos e “kitinetes” – vão se evadindo dessas IES particulares. [...] (LANGA, 2015, p.163).

O governo de Luiz Inácio Lula da Silva perdurou de 2003 a 2010, através do seu perfil político e cooperativo tornou-se mais próxima a relação do Brasil com os países africanos no âmbito social e econômico. Essa forma de governo, visava também a vinda de estudantes africanos para o Brasil proporcionando maior acesso ao ensino superior, concessão de bolsas e estágios. No decorrer do mandato do presidente Lula, o fluxo diaspórico dos alunos africanos para o Brasil se intensifica pela busca do ensino superior com uma boa estrutura, como também pelo motivo de uma “fácil” integração por pontos em comum, ao exemplo do idioma português.

[...] nesse sentido, considera-se que a Circulação Internacional de Estudantes (CI), em particular africanos dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), não consiste apenas em ir e vir entre África e Brasil ou para outros países, mas também diz respeito à dimensão da cooperação internacional entre países. (GUSMÃO, 2008, p.283).

Durante o governo de Lula, ações foram realizadas com o intuito de expandir o acesso ao ensino superior para todos, investindo na cooperação com a África e o Mercosul, na esteira do desenvolvimento das relações Sul-Sul. Nesse contexto, surge a Universidade Da Integração Internacional Latino-Americana (UNILA) e a Universidade Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) em meados de 2008, ampliando sua ideia de uma comissão de implantação, tendo como agente a Universidade Federal do Ceará (UFC). Em 2010, o projeto foi aprovado, mesmo após esse marco a nova Universidade continuou estabelecendo relações com a UFC. A Unilab passou desde então a abrir caminhos para pessoas de outros estados brasileiros, como também de outros países. Ainda em 2010, é apresentado as diretrizes gerais discorrendo sobre propostas e metas tanto para os anos iniciais, quanto para o futuro.

Diferente das outras instituições federais de ensino superior, que tendiam a estabelecer seus polos em grandes cidades como Fortaleza, a Unilab dispôs seus polos de ensino no município de Redenção-CE, localizado na serra de Baturité, sendo considerado um marco pelo fato de Redenção ter sido o primeiro lugar do Brasil a abolir a escravidão. A escolha do município teve outros pontos focais objetivando através da instalação da Universidade desenvolver a região do Maciço de Baturité que apresentava escassez de instituições de ensino superior. Outro objetivo era proporcionar o encontro e contato de diferentes nacionalidades que têm o Português como idioma oficial.

No entanto, a instalação da UNILAB na cidade de Redenção, no Ceará, marco nacional por seu pioneirismo na libertação de escravos, não representa apenas o atendimento das metas do REUNI em seu objetivo de promover o desenvolvimento de regiões ainda carentes de instituições de educação superior no país - como é o caso do Maciço do Baturité, onde será instalada. (DIRETRIZES, 2010, p. 10)

Através desse projeto, a Unilab entra no âmbito de internacionalização da educação superior, respeitando e aplicando as diretrizes da política governamental brasileira, alimentando a propulsão de instituições federais com capacidade de estabelecer cooperação Sul-Sul, se preocupando com a responsabilidade científica, cultural, social e ambiental. Por meio da cooperação Sul-Sul, abriu-se um espaço de ligação educacional e formação de conhecimentos entre o Brasil e comunidades que utilizam o português como língua oficial, situados no continente africano, asiático e europeu. Tal perfil “integracionista” e internacionalista, destaca a universidade das demais instituições nacionais de ensino superior,

possuindo seu próprio edital para os estudantes que fazem parte da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). Com isso, Redenção e a Unilab passaram a proporcionar uma multiplicidade de distintas nacionalidades e culturas, tendo discentes de Angola, Guiné-Bissau, Cabo Verde, Moçambique, São Tomé e Príncipe e o país asiático Timor-Leste.

Dentre as universidades públicas e privadas brasileiras, somente a UNILAB e a Universidade Da Integração Internacional Latino-Americana (UNILA), possuem diretrizes voltadas à cooperação internacional Sul-Sul. Essa parceria tem como estrutura montada para além das relações dos países do Sul Global, essas relações tem como características o estabelecimento de solidariedade, fugindo de um perfil exploratório.

É o que expõe Leandro Proença (2018, p.328-329):

[...] Juntamente com a Universidade Da Integração Internacional Latino-Americana – Unila -, são universidades construídas a partir de diretrizes como a cooperação internacional Sul-Sul e o atendimento a demandas concretas dos países parceiros e dos lugares onde foram implantadas no interior do Brasil. A cooperação Sul-Sul caracteriza-se não somente pelas relações entre países do Sul Global, mas principalmente pelo tipo de relações, marcadas pela solidariedade e não pela exploração.

O projeto da Unilab é único e proporciona uma pluralidade de experiências nos campus da Universidade, como também no município de Redenção-Ce, mas, é importante perceber que nessa relação existem problemas externos e internos, tais problemas interferem diretamente na sua proposta. Leandro Proença (2018) destaca que a problemática interna está estruturada na presença de indivíduos que agem com fins de perpetuar uma universidade com caráter tradicional, trazendo também ideologias neocoloniais, ao exemplo de proporcionar desenvolvimento e civilizar as regiões situadas do Sul global, como também interferir nas culturas e os povos que povos que às zelam.

Leandro Proença, docente da Unilab desde 2014, apresenta a seguinte percepção:

Sou professor da Unilab desde 2014 e tenho tido a oportunidade de experienciar as bonitezas e as contradições desse projeto, que sofre com demasiadas ameaças externa e internas. As ameaças externas transcendem ao fato de a Unilab estar vinculada a um projeto de governo; tem a ver com aqueles que, desde dentro, trabalham de forma resiliente para a manutenção de uma universidade tradicional; tem a ver também, com determinadas ideologias neocoloniais, cuja missão seria desenvolver e civilizar as regiões do sul global, suas culturas e suas gentes. (PROENÇA, 2018, p.329)

Os problemas estiveram e estão presentes no ensino brasileiro, desde o nível básico, médio e superior. Portanto, não é surpresa existir questionamentos a serem discutidos sobre o

projeto da universidade. Entretanto, é possível pensar a Unilab como uma *Universidade Popular*², mas essa denominação não está presente nem nas suas diretrizes ou documentos oficiais, muito menos é percebida como tal pelas pessoas que a compõe. Mas assim como Leandro Proença (2018), acredito que a Unilab possui em seu âmago características de uma universidade popular. De fato, podemos pensar a Unilab dentro desse modelo a partir da sua proposta, segundo Leandro Proença (2018), como o público que a compõe, a opção política pelas áreas e cursos de formação, e por fim o perfil dos ingressos. Essas três características se diferem das demais intuições de ensino superior brasileiras³.

O termo *universidade popular* não aparece em seus documentos oficiais, não é conhecido e nem mesmo os seus pressupostos são defendidos por parte da comunidade acadêmica. Mas defendo, e faço também a partir de um projeto político, ser possível classificar a Unilab como um projeto de universidade popular. (PROENÇA, 2018, p.329)

Muitas instituições de ensino superior, públicas e privadas, alimentam a perspectiva conservadora de que o acesso à universidade deve ser elitizado. A Unilab significa resistência e diversidade enquanto a isso, além de possuir o Processo Seletivo de Estudantes Estrangeiros – PSEE, e o ingresso para brasileiros através do Sistema de Seleção Unificada (SISU), traz os editais específicos para Indígenas e Quilombolas, e o processo seletivo específico para candidatas(os) transgêneros(os) e intersexuais nos cursos de graduação presencial ofertados pelos Campi Ceará e Bahia.⁴ Mesmo com os problemas que interferem da proposta e desenvolvimento da Unilab, percebe-se que essas características ímpares rompem com os ideais conservadores, abrangendo a sociedade como um todo, atendendo grupos específicos além da sua disposição geográfica interiorana, tais características realizar a manutenção de uma educação superior acessível para todos, desconstruindo o paradigma de uma universidade antiliberal e conservadora.

O acesso à universidade tem sido historicamente negado às pessoas oriundas das classes populares – como na música de do Zé Geraldo, *Cidadão*, o mais perto que os pobres chegaram das escolas foi ao construí-las. A formação tradicional, ou o sentido tradicional de formação consegue, no máximo, promover a ascensão social do indivíduo dentro da mesma estrutura de desigualdade. Ademais, formado dentro de um sistema ideológico, os

² A universidade popular deveria ser, neste caso, parte de um processo do projeto político de transformação social por meio da cultura, entendida de modo dinâmico, composta de elementos concretos e simbólicos, na qual o ser humano é produzido, produz e se produz. (PROENÇA, 2018, p.329)

³ A Unila é outra universidade com características parecidas, entretanto não a trago em questão, pois não tenho conhecimento prático e teórico sobre, com isso, trato aqui especificamente da Unilab.

⁴ De acordo com os dados no portal da Unilab, os editais específicos para Indígenas e Quilombolas, e o processo seletivo específico para candidatas(os) transgêneros(os) e intersexuais, não são realizados desde o ano de 2019.

egressos tendem a atuar para a manutenção desta estrutura que o formou. (PROENÇA, 2018, p.341)

Discutindo sobre as diretrizes gerais da Unilab do ano de 2010, e comparando com a realidade atual, algumas intenções de fato se confirmaram, uma delas foi o estabelecimento da disposição das vagas de 50% para os brasileiros e a o restante para estudantes do PALOP, nota-se esse quantitativo de estudantes africanos no dia-a-dia. O problema se constitui na proposta quantitativa do número de docentes, assim como a divisão de vagas para discentes, a intenção seria a mesma, metade teria que ser composta por professores dos países parceiros, isso nunca se concretizou, sendo de brasileiros a maior parte dos docentes da universidade.

No caso da Unilab, todavia, foram propostas que puderam ir mais profundamente, ao menos enquanto projeto. Suas diretrizes previam que metade do corpo docente e discente (silencia quanto a demais funcionários) fosse proveniente dos países parceiros. Fato que nunca se realizou, mas nota-se a presença considerável de discentes, a ponto de essa presença não poder ser ignorada (46% dos alunos oriundo dos países de língua oficial portuguesa em África e Timor). (PROENÇA, 2018, p.341)

Vale ressaltar que em momento algum é citado nas diretrizes da Unilab questões pertinentes e fundamentais no estabelecimento da Unilab em Redenção, ao exemplo de procurar entender a disposição do município, sua capacidade estrutural para o estabelecimento de uma instituição Federal que abrange esferas internacionais bem como buscar saber a opinião, junto a reação da população com a instalação da Universidade, e acima de tudo, como que os alunos vindos de outros países seriam recebidos na cidade. As diretrizes apresentam planos de integralização dentro da Unilab entre as diferentes nacionalidades por meio de elementos culturais, todavia, a vida de um estudante não se limita apenas ao espaço acadêmico, mas também no âmbito social. Não foi discutido nenhum projeto em cooperação com o município de Redenção para proporcionar um melhor acolhimento de estudantes internacionais, nem de brasileiros vindos de outros municípios do Ceará.

Mourão (2007), no documentário *Identidades em Trânsito*, elucida de modo conciso a necessidade de questionar as questões antes supracitadas. Ainda em seus países, a maioria dos estudantes internacionais, possuem a visão sobre o Brasil composta através de conteúdos midiáticos, como jornais e principalmente novelas brasileiras, estas por muitas vezes, transmite uma visão limitada e quase homogênea de um país com dimensões continentais. O Brasil das telenovelas restringe-se às grandes metrópoles e capitais do país como Rio de Janeiro e São Paulo, com poucos problemas sociais, terra de muita festa, carnaval e futebol.

De fato, o Brasil possui tais atributos, entretanto os mesmos não deixam as escondidas os problemas econômicos e sociais enfrentados por aqueles que não fazem parte da classe média. Ainda de acordo com Mourão (2007), junto as falas de alunos cabo-verdianos e guineenses que estudam em instituições de ensino no Brasil, relatam que antes de passar pelo processo diaspórico acreditavam que o país, até mesmo as grandes cidades em sua totalidade eram desenvolvidas, que as pessoas de baixa renda conseguiam conviver com dignidade. Entretanto, após a chegada destes estudantes a realidade demonstra o oposto, uma região desenvolvida, e seus arredores subdesenvolvidos ou com extrema pobreza sem acesso às condições básicas como moradia, água potável e saneamento básico.

O idioma também é outro aspecto que necessita de atenção, ainda que os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) tenham o Português como idioma principal, ao chegar no Brasil, no âmbito social e acadêmico há problemas em relação ao uso de determinados termos e palavras que possuem significados diferentes, acarretando problemas como o não reconhecimento por parte dos docentes da variedade linguística entre Brasil e o português de Portugal, que possui grande influência nos países do PALOP. Percebe-se também um desconhecimento sobre o Continente Africano que por muitas vezes é entendido como um país.

Dando enfoque ao contexto da UNILAB-CE, o choque de realidade não é diferente para muitos estudantes que vêm cursar ensino superior em Redenção-CE. A imagem do Ceará é constituída muitas vezes através da capital Fortaleza, uma grande metrópole que assim como as outras, apresenta seus problemas sociais, entretanto, possui Centro de Eventos, Teatro, Shopping e Cinema. Podem ser elementos simples, mas, são meios de descontração e diversão que auxiliam a enfrentar a saudade de casa e os anseios da vida universitária. Contudo, o município de Redenção onde localiza-se a UNILAB, é desprovido desses meios de diversão, o que afeta diretamente o primeiro contato com a região, então, como os estudantes vão se sentir acolhidos, confortáveis e livres em um espaço tão limitado? O mais comum para amenizar a saudade dos seus países é criarem comunidades, compartilhar casa com colegas da mesma nacionalidade, realizar atividades culturais dos seus países dentro da universidade como música e dança, é através desses meios que suas identidades culturais são ascendidas e nunca esquecidas.

A diáspora africana tem gerado grupos e movimentos a congregar estudantes oriundos do continente em um processo de mobilização e organização em diversas agremiações estudantis, cabendo destacar: a Associação dos Estudantes Africanos no Estado do Ceará (AEAC), a Associação de Estudantes de Guiné-Bissau no Estado do Ceará (AEGBEC), a Fundação de

Estudantes Africanos nas Faculdades do Nordeste (FEAF) e o MPEA. [...] (LANGA, 2015, p.165)

O processo diaspórico internacional dos estudantes vindo da África para o Estado do Ceará, trouxe, ou melhor, expôs um conjunto de problemáticas presentes na estrutura social brasileira, a Unilab passa a refletir em seu contexto inquietações e tensões relacionadas a raça, identidade e diferença social. Há um conjunto de mecanismos nas esferas sociais, ao exemplo do racismo Estrutural que fomentam a promulgação do racismo. Nessa perspectiva, (GUSMÃO,2008) destaca que o perfil da sociedade brasileira é sobremaneira estratificado e competitivo, p âmbito étnico e racial acende tensões que se estruturam na premissa de tratar a cultura, conduta e valores dos estudantes africanos como diferentes. Percebendo as dificuldades para inserir-se no espaço social, esses estudantes adotam determinadas estratégias para enfrentar as dificuldades.

[...] a contradição de serem negados pela cor e positivados pela origem, e no jogo dessa ambivalência¹¹, constroem estratégias para agirem no cotidiano. Buscam assim, a conquistar espaços, se afirmarem enquanto sujeitos, driblando o preconceito, a discriminação e o racismo, para tornar suportável viver longe de seu lugar e dos seus. (GUSMÃO,2008, p.297)

4.3. UMA FORMA DE PENSAR A COMUNICAÇÃO E TROCA ENTRE AS CULTURAS ATRAVÉS DA INTERCULTURALIDADE:

De acordo com Vera Maria Candau (2008), o mundo atualmente passa por um conjunto de altas mudanças no qual não temos a capacidade de compreender adequadamente tais transformações. Há uma expressiva quantidade de intelectuais e atores sociais que expõem que a sociedade não está passando por uma época de mudanças de cunho significativo e acelerado, mas que estamos vivendo uma mudança de época. (CANDAU, 2008, p.45) Nessa perspectiva de Candau (2008), é possível pensar e perceber que as relações presentes na área da justiça, redistribuição, enfrentamento para a superação das desigualdades sociais e acesso igualitário às oportunidades, bem como reconhecimento da existência de diversos grupos culturais tendem a se tornarem mais afunilados.

Para Candau (2008), A interculturalidade apresenta-se com a perspectiva de promover debate sobre a inter-relação que se dá através do contato entre diferentes grupos culturais postos nas sociedades a qual os mesmos pertencem. Ao ter essa premissa, o objetivo da interculturalidade visa se opor as ideologias e visões radicais que fomentam o processo de

afirmação de identidades culturais específicas, que se aproxima do assimilacionismo que não possui o interesse em dar ênfase a riqueza presente nos diferentes grupos sociais.

Uma primeira, que considero básica, é a promoção deliberada da inter-relação entre diferentes grupos culturais presentes em uma determinada sociedade. Nesse sentido, essa posição situa-se em confronto com todas as visões diferencialistas que favorecem processos radicais de afirmação de identidades culturais específicas, assim como com as perspectivas assimilacionistas que não valorizam a explicitação da riqueza das diferenças culturais. (CANDAUI, 2008, p.45)

Como nos mostra Candau (2008), é quebrado a visão de perfil essencialista presentes em culturas e identidades culturais, proporcionando às culturas em movimento um processo de construção e reconstrução. Isso porque, existe uma variedade de culturas que mesmo possuindo raízes históricas, tem um dinamismo em sua conjuntura, não limitando as pessoas em apenas um padrão cultural. Também, na nossa sociedade existem processos de hibridização cultural que ocorrem de modo intenso, esse fenômeno contribui diretamente para criação de identidades abertas que o seu processo de construção é permanente, com isso, pode-se dizer que as culturas não são puras.

[...] nas sociedades em que vivemos os processos de hibridização cultural são intensos e mobilizadores da construção de identidades abertas, em construção permanente, o que supõe que as culturas não são puras. Sempre que a humanidade pretendeu promover a pureza cultural e étnica, as conseqüências foram trágicas: genocídio, holocausto, eliminação e negação do outro. A hibridização cultural é um elemento importante para levar em consideração na dinâmica dos diferentes grupos socioculturais. (CANDAUI, 2008, p.51)

As relações socioculturais, não são perfeitas, elas se constituem ao longo da história, além do mais envolvem pessoas, tendo uma problemática sobre questões de poder, hierarquização, além da presença do preconceito e discriminação contra certos grupos culturais, até porque as diferenças e desigualdades na sociedade atual manifestam-se de modo particular de acordo com cada sociedade, justificando a existência de configurações distintas em cada realidade.

[...] não desvincular as questões da diferença e da desigualdade presentes hoje de modo particularmente conflitivo, tanto no plano mundial quanto em cada sociedade. A perspectiva intercultural afirma essa relação, que é complexa e admite diferentes configurações em cada realidade, sem reduzir um pólo ao outro. (CANDAUI, 2008, p.51)

A interculturalidade defendida por Vera Candau (2008), busca proporcionar uma educação voltada para a questão do reconhecimento do outro, introduzir um diálogo entre os grupos sociais e culturais. Sendo necessário introduzindo instrumentos educacionais com a finalidade de debater e buscar modos de enfrentar as adversidades presentes na pluralidade dos grupos socioculturais, objetivando um interesse em comum: uma integração dialética das diferenças, alinhando a perspectiva da existência de uma sociedade democrática, que acima de tudo busque políticas de igualdade, junto com políticas identitárias.

A perspectiva intercultural que defendo quer promover uma educação para o reconhecimento do “outro”, para o diálogo entre os diferentes grupos sociais e culturais. Uma educação para a negociação cultural, que enfrenta os conflitos provocados pela assimetria de poder entre os diferentes grupos socioculturais nas nossas sociedades e é capaz de favorecer a construção de um projeto comum, pelo qual as diferenças sejam dialeticamente integradas. A perspectiva intercultural está orientada à construção de uma sociedade democrática, plural, humana, que articule políticas de igualdade com políticas de identidade. (CANDAUI, 2008, p.52)

Segundo Candau, para Catherine Walsh (2001), a interculturalidade é uma dinâmica constante e permanente para a construção do aprendizado e da comunicação entre as sociedades culturais, pondo em situação a presença do respeito, legitimidade mútua e igualdade. Entretanto, para que essa condição seja alcançada é necessário comunicação e troca, constituído entre os grupos, os quais, possuem em seu âmago cultural características divergentes, é preciso estabelecer um campo para que se possa apresentar e discutir os anseios para o enfrentamento das desigualdades sociais, econômicas, políticas, como também sobre os embates que pairam sobre o Poder. Percebe-se que é preciso a implementação de uma dialética que não omita os problemas e diferenças, mas que se discorra sobre as adversidades socioculturais.

A interculturalidade não é um processo simples, com isso, para introduzi-la de modo efetivo no âmbito educacional, tornando a educação um instrumento com características críticas e emancipatórias, que inclua, respeite e debata sobre as igualdades e diferenças presentes na nossa multidiversidade cultural, é necessário dissecar e enfrentar determinados problemas e pensamentos construídos no passado colonial. Para isso, Candau (2008), destaca quatro desafios: **“a desconstrução de paradigmas, articulação entre igualdade e diferença, resgate de identidades culturais e promoção de interação sistêmica com os “outros”.** (grifos meus).

A **desconstrução** sustenta-se na tese de que o sistema educacional será entendido como intercultural na medida em que seja discutido profundamente as problemáticas que compõem os preconceitos e as discriminações, que por muitas vezes são naturalizadas pela sociedade. Também é fundamental instigar respostas sobre o perfil etnocentrista que compõem o âmbito escolar-curricular, necessitamos saber quais requisitos foram levados em consideração para a escolha do material didático e do seu conteúdo configuram as ações educativas. (CANDAU, 2008, p.53) pragmático.

Outro aspecto imprescindível é questionar o caráter monocultural e o etnocentrismo que, explícita ou implicitamente, estão presentes na escola e nas políticas educativas e impregnam os currículos escolares; é perguntar-nos pelos critérios utilizados para selecionar e justificar os conteúdos escolares, é desestabilizar a pretensa “universalidade” dos conhecimentos, valores e práticas que

Em seguida, a articulação entre as igualdades de diferenças necessita ganhar força nas instâncias das políticas educativas e de práticas pedagógicas. Através desse vínculo estabelecer o reconhecimento da pluralidade cultural, e acima de tudo a valorização da diversidade dos saberes presentes nesses grupos. Isso é necessário para que se desconstrua o pensamento eurocêntrico, ao exemplo dos estudos das culturas e religiões de matrizes africanas nas escolas, é uma temática que está relacionada a nossa identidade cultural, mas nosso pensamento tende a desvalorizar e estereotipar tais manifestações. Com essa dialética proposta por Candau (2008) é esperado que se rompa o perfil monocultural no ambiente educacional.

Essa preocupação supõe o reconhecimento e a valorização das diferenças culturais, dos diversos saberes e práticas e a afirmação de sua relação com o direito à educação de todos/as. Reconstruir o que consideramos “comum” a todos e todas, garantindo que nele os diferentes sujeitos socioculturais se reconheçam, assegurando, assim, que a igualdade se explicita nas diferenças que são assumidas como referência comum, rompendo, dessa forma, com o caráter monocultural da cultura escolar. (CANDAU, 2008, p.53)

O **resgate de identidades culturais**, foca na articulação que visa resgatar processos de construção identitária cultural no âmbito pessoal e também coletivo, nessa perspectiva, ressalta-se a importância da ênfase na construção e resgate das histórias de vida que compõem a diversidade sociocultural, necessitando serem incluídas dentro do espaço educacional com prioridade, pois, essas identidades culturais precisam ser transmitidas. Destaca-se também, os processos de hibridização cultural de cunho dinâmico para que o surgimento de novas

identidades culturais consiga atrelar suas motrizes históricas as novas configurações, fugindo da proposta de “cultura fechadas” que idealizam âmagos pré-estabelecidos estruturado em algo estático, para elucidar tal perspectiva, Candau (2008) apresenta:

É muito importante esse resgate das histórias de vida, tanto pessoais quanto coletivas, e que elas possam ser contadas, narradas, reconhecidas, valorizadas como parte de processo educacional. Além disso, deve ser dada especial atenção aos aspectos relativos à hibridização cultural e à constituição de novas identidades culturais. É importante que se opere com um conceito dinâmico e histórico de cultura, capaz de integrar as raízes históricas e as novas configurações, evitando uma visão das culturas como universos fechados e em busca do “puro”, do “autêntico” e do “genuíno”, como uma essência preestabelecida e um dado que não está em contínuo movimento. (CANDAU, 2008, p.53)

Por fim, é necessário segundo Candau (2008), **a promoção de práticas que oferecem uma interação de conho sistêmico com os “outros”**. Essa comunicação precisa acontecer para que através da troca, contato e conhecimentos entre as culturas torne-se possível atribuímos um sentido do que é o mundo, para que isso ocorra, necessita realizar um trabalho intenso que se dá através de ações como projetos e dinâmicas que põem em contato grupos que possuem perspectivas opostas, o objetivo é promover um debate comunicativo para conhecer uns aos outros.

Exige romper toda tendência à guetificação presente também nas instituições educativas e supõe um grande desafio para a educação. Exige também reconstruir a dinâmica educacional. A educação intercultural não pode ser reduzida a algumas situações e/ou atividades realizadas em momentos específicos nem focalizar sua atenção exclusivamente em determinados grupos sociais. Trata-se de um enfoque global que deve afetar todos os atores e todas as dimensões do processo educativo, assim como os diferentes âmbitos em que ele se desenvolve. (CANDAU, 2008, p.53)

Com isso, a importância de discutir sobre a interculturalidade no ambiente universitário, e acima de tudo pensar possibilidades de promover um contato mais próximos entre as culturas dentro da Unilab, apresenta-se como fundamental, pois, quando acontece eventos dentro da universidade sobre as culturas africanas, a impressão que fica é que essas manifestações sempre são organizadas pelos próprios estudantes, quando há eventos de Angola, Guiné-Bissau, Cabo Verde, por exemplo os estudantes desses países relatam uma baixa presença de brasileiros, entretanto, o quadro muda nas ocasiões de celebrações relacionadas ao Brasil, no qual é percebido que toda comunidade estudantil participa. Outro ponto que se destaca, é a existência de uma segregação subjetiva ocasionada por xenofobia e

racismo nos espaços, nos restaurantes universitários existe uma divisão de nacionalidades nas mesas, na maioria dos casos o que se vê são mesas só com brasileiros outras só com africanos.

Esse processo intercultural, fortalece suas ramificações desde o ensino básico, através da Lei Federal 10.639/03, que coloca como obrigatório o ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira, desde o ensino fundamental ao médio, nas escolas públicas e privadas do país. (ALMEIDA, 2017, p.57). Essa lei tem como um de seus pilares desconstruir mentalidades e atos preconceituosos, vistos como naturais na sociedade brasileira. Essa lei foi promulgada em 2003, entretanto, o que se observa em boa parte das pessoas que acabaram o ensino básico, é que essa política dos estudos da Cultura Africana e Afro-Brasileira nas escolas, necessita de um olhar mais cuidadoso, os discentes brasileiros que compõem o corpo estudantil das universidades públicas e privadas, estudaram algum momento sobre isso, mas, o que se vê é a reprodução dos erros que deveriam ter sido desconstruídos no período básico escolar.

A interculturalidade é um processo construtivo e gradativo, primeiro é preciso desvencilhar-se e desconstruir os paradigmas, e um deles é perceber a existência de uma filosofia africana, mesmo com a lei 10.639/03, o que se percebe é que os estudos africanos são trabalhados separadamente da Antropologia, Filosofia e Sociologia, essas áreas por sua vez, são dominadas pelos teóricos europeus como John Locke (1632-1704) e Émile Durkheim (1858-1917). Esse movimento do ensino básico oculta importantes nomes africanos como Cheikh Anta Diop (1923-1986) e Kwasi Wiredu (1931-2022). Com isso, percebe-se, que não é funcional ter apenas uma lei, mas que a mesma traga um ensino intercultural em todos os âmbitos, histórico, cultural, religioso, antropológico, sociológico e filosófico, pois o que está sendo trabalho é a ancestralidade do povo brasileiro que está diretamente atrelada às matrizes africanas.

5. METODOLOGIA

O presente trabalho organiza-se em dois assuntos principais que visam apresentar e discutir sobre o processo diaspórico estudantil africano, focando nos discentes angolanos, vinculados a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Esse projeto possui caráter qualitativo com embasamento em estudos bibliográficos, segundo Eva Maria Lakatos (2010), a pesquisa bibliográfica busca abranger as produções publicadas sobre o assunto a ser pesquisado, como jornais, revistas, livros e pesquisas, abrangendo também conteúdos audiovisuais. A escolha de pesquisa bibliográfica é necessária para entender e montar uma nova perspectiva sobre uma abordagem um pouco específica, no caso a diáspora angolana, para que assim possa chegar a pontos em comuns como distintos.

A pesquisa de campo, segundo Lakatos (2010, p.186) “é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para qual se procuram uma resposta, ou de uma hipótese, que queira comprovar, ou ainda, descobrir fenômenos ou as relações entre eles”. Com isso, um dos objetivos do projeto é levantar informações sobre o tema abordado, sendo utilizado como instrumento a pesquisa de campo, é através dessa modalidade que se acredita encontrar respostas sobre os problemas abordados, como também se espera que novas questões, problemas e perspectivas surjam no decorrer da aplicação do método. O perfil será exploratório-descritivo, ou seja, possui a função de abordar o tema e proporcionar a construção de hipóteses, conseqüentemente, aproximar o pesquisador com a questão em foco.

A investigação apresenta-se como quanti-qualitativa, através das entrevistas que serão realizadas aos estudantes angolanos do curso de Humanidades na UNILAB-CE. Tal método é importante pois proporciona um diálogo entre o entrevistador e o entrevistado que tem a premissa de que através das suas experiências no ambiente universitário da Unilab, possua informações pertinentes para a pesquisa e coleta de dados. A entrevista possui um perfil semiestruturada, tendo um roteiro pré-determinado de perguntas abertas sobre a questão que está sendo discutida, mas, o entrevistador e o entrevistado têm abertura para aprofundar sobre novas questões e casos que serão desenvolvidos no decorrer da entrevista.

A segunda parte da pesquisa será a aplicação de um questionário, para que se possa coletar dados referentes a um conjunto de perguntas fechadas, sua aplicação é importante, pois segundo Gil (2008), esse método traz vantagens como maior alcance de pessoas em um menor espaço de tempo, assegura o anonimato das respostas, o entrevistado responde quando achar mais conveniente, e posteriormente proporciona a comparação da fala dos entrevistados, com os dados colhidos via formulário. Esse método proporciona ao pesquisador a quantificação referente a coleta das informações, o foco do método quantitativo segundo Richardson (1999), é zelar pela exatidão dos resultados e fugir de análises superficiais, proporcionando um determinado grau de segurança. Com isso, será possível realizar uma comparação aprofundada relacionado às opiniões em comum e montando um quadro de novos questionamentos levantados, enriquecendo assim o campo de novas possibilidades de pesquisas referentes ao assunto em questão.

6. REFERÊNCIAS

- ABRANTES, Carla Susana Alem. **O ensino superior em Redenção (CE), Brasil: comentário sobre um arquivo virtual. O Público e O privado**, v. 12, n. 23 jan. jun, p. 135-144, 2014.
- ALMEIDA, M.A.B; SANCHEZ, L.P. **Implementação da Lei 10.639/2003** – competências, habilidades e pesquisas para a transformação social. Pro-posições, e-ISSN 1980-6248. V. 28, N.1 (82) |jan./abr. 2017.
- AMARAL, Joana de Barros. **Atravessando o atlântico: o Programa Estudante Convênio de Graduação e a cooperação educacional brasileira**. 2013.
- BIZERRIL, Marcelo Ximenes Aguiar. **O processo de expansão e interiorização das universidades federais brasileiras e seus desdobramentos**. Revista Tempos e Espaços em Educação, v. 13, n. 32, p. 53, 2020.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo da Educação Superior 2020: notas estatísticas**. Brasília, DF: Inep, 2022. Disponível em:<https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/notas_estatisticas_censo_da_educacao_superior_2020.pdf>. Acesso em: 08/05/2022.
- CANDAU, Vera Maria. **Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença**. Revista Brasileira de educação, v. 13, p. 45-56, 2008.
- DE OLIVEIRA, Eduardo David. **Filosofia da ancestralidade como filosofia africana: educação e cultura afro-brasileira**. Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação (RESAFE), n. 18, p. 28-47, 2012.
- DIRETRIZES Gerais da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, julho de 2010. Disponível em:< <https://docplayer.com.br/10814693-Universidade-da-integracao-internacional-da-lusofonia-afro-brasileira-unilab-diretrizes-gerais.html>> Acesso em: 02/03/2022.
- FRANCISCO, Camila Rodrigues. **Díaspóra estudantil africana: revisão de literatura**. Ponto-e-Vírgula: Revista de Ciências Sociais, n. 25, p. 15-27, 2019.
- FONSECA, Dagoberto José; BADI, Mbuyi Kabunda (Ed.). **Díaspóra africana e migração na era da globalização: experiências de refúgio, estudo, trabalho**. Editora CRV, 2015.
- FONSECA, Dagoberto José. A tripla perspectiva: a vinda, a permanência e a volta de estudantes angolanos no Brasil. **Pro-Posições**, v. 20, n. 1, p. 23-44, 2009.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.
- GUSMÃO, Neusa. **África e Brasil no mundo acadêmico-Diálogos cruzados**. In: COOPEDU—Congresso Portugal e os PALOP Cooperação na Área da Educação. 2011. p. 283-299.
- IDENTIDADES em Trânsito. Direção: Daniele Ellery; Márcio Câmara. Produção: Daniele Ellery. Fotografia de Márcio Câmara. [S. l.]: Márcio Elísio Carneiro Câmara, 2009. Disponível em: https://portacurtas.org.br/filme/?name=identidades_em_transito. Acesso em: 11 jan. 2022.

- LOURAU, Julie et al. **A UNILAB na perspectiva da cooperação Sul-Sul: uma análise crítica decolonial africana.** Cadernos do CEAS: Revista crítica de humanidades, n. 245, p. 517-552, 2018.
- LIBERATO, Ermelinda. A formação de quadros angolanos no exterior: Estudantes angolanos em Portugal e no Brasil. **Cadernos de Estudos Africanos**, n. 23, p. 109-130, 2012.
- MANGO, Felizberto Alberto. **Cooperação Brasil-África durante os mandatos de Luís Inácio Lula da Silva.** 2016.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** atlas, 2003.
- MOURÃO, Daniele. Identidades em trânsito. **África “na passagem”: identidades e nacionalidades guineenses e cabo-verdianas,** 2009.
- MOURÃO, Daniele Ellery; ABRANTES, Carla Susana Além. **Estudantes Africanos dos PALOP em Redenção, Ceará, Brasil: Representações, Identidades e Poder.** Mediações-Revista de Ciências Sociais, v. 25, n. 1, p. 64-81, 2020.
- MENEGHEL, Stela; AMARAL, Joana. Universidades internacionais na contracorrente. **Universidades**, v. 66, n. 67, p. 25-40, 2016.
- PROENÇA, Leandro. **Sob o signo de Paulo Freire: considerações acerca do projeto de universidade popular.** Construindo Pontes: Paulo Freire entre saberes, projetos e continentes. In Elaine Ferreira Rezende de Oliveira; Larissa Oliveira e Gabarra; Leandro Proença (Orgs). Fortaleza: edUECE, 2018
- RAMOSE, M. B. **Sobre a Legitimidade e o Estudo da Filosofia Africana** On the legitimacy and study of African Philosophy. Editora Chefe. 2011.
- RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- SARAIVA, José Gomes; GALA, Irene Vida. **O Brasil e a África no Atlântico Sul: uma visão de paz e cooperação na história da construção da cooperação africano-brasileira no Atlântico Sul.** S/1, 2008.
- SOUZA, Osmaria Rosa et al. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira e os desafios da integração perante o racismo contra os/as estudantes africanos/as no Ceará. **Interfaces Brasil/Canadá**, v. 16, n. 1, p. 256-293, 2016.